



TRABALHO

Primeira hora extra já custa menos do que a hora normal

Documento do Centro de Estudos Sociais conclui que a forma como a hora é calculada, juntamente com os cortes da troika, reduz os valores a pagar em 32%. A primeira hora extra custa menos do que a normal, concluem os autores.

CATARINA ALMEIDA PEREIRA
catarinapereira@negocios.pt

As horas extraordinárias estão tão desvalorizadas que a lei contraria a tradicional intenção de desincentivar o seu uso, de acordo com um estudo do Observatório sobre Crises e Alternativas, do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Os autores analisam o cálculo das horas extraordinárias e concluem mesmo que a primeira hora extraordinária de um dia útil tem um custo mais baixo do que uma hora normal.

“O trabalho suplementar tem, nesta perspetiva, um custo 2% inferior ao custo efetivo da hora normal de trabalho, o que conflua abertamente com a tradição do Direito Laboral”, que no passado procurou desincentivar o seu uso, lê-se no estudo.

Dois fatores contribuem, segundo calculam, para uma desvalorização de 32%. “O valor do trabalho suplementar realizado no período de análise (2011-2018) rondou cerca de 12 mil milhões de euros, quando na verdade, se estima a partir dos dados do INE que deveria se situar em 17,6 mil milhões de euros”, refere João Ramos de Almeida, coautor do documento que também é assinado por Diogo Martins, Fausto Leite e Filipe Lamelas.

O primeiro fator tem que ver com o cálculo do valor hora, que está subjacente ao cálculo do trabalho suplementar desde 1976, e que tem em conta 12 meses e 52 semanas por ano. Os autores sustentam que ao excluir da remuneração anual os subsídios de férias



Raquel Wise

Apesar da desvalorização do valor pago, o número e o peso dos trabalhadores que declara fazer horas extras subiu.

e de Natal, ao mesmo tempo que incluí o período de férias, a lei reduz em 27,3% o preço da hora.

Por outro lado, os cortes do programa de ajustamento reduziram para metade os acréscimos pagos pelo trabalho suplementar, numa subtração calculada em 2,3 mil milhões de euros. A redução oscilou entre os 29% e os 33%.

Considerando estes dois fatores, a primeira hora de dia útil custa menos 2% do que uma hora normal, segundo concluem. Já a segunda hora de dia normal (+8%) e em dia feriado (+18%) regista um prémio mais moderado do que se poderia pensar.

O estudo também lembra que de acordo com os dados do INE

cerca de metade dos trabalhadores que declaram fazer horas extraordinárias dizem que não são pagos. O que por si só representa um novo decréscimo de 55%, em oito anos.

Trabalhadores que fazem horas extra sobem 38%

Neste contexto, no ano passado houve em média 576 mil trabalhadores que declaram ao INE fazer horas extraordinárias, mais 38% do que em 2011 (segundo dados anuais). O número médio manteve-se: 8 a 9 horas por semana. O aumento no peso de trabalhadores com trabalho suplementar foi mais acentuado depois dos cortes da troika, entre 2012 e 2013, o que “sugere que essas alterações legislativas podem explicar a tendência de crescimento”. Os autores também admitem, no entanto, outros efeitos conjunturais. ■

-32%

DESVALORIZAÇÃO

É o corte que resulta da fórmula de cálculo e das reduções decididas durante o programa de ajustamento, de acordo com os autores.

+38%

TRABALHADORES

O número de trabalhadores que declara fazer horas extraordinárias subiu 38% entre os anos de 2011 e 2018.

Metade dos empregados faz horas não pagas

Cerca de metade dos trabalhadores dependentes faz horas extraordinárias não pagas, de acordo com os dados recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), através do Inquérito ao Emprego. Por outro lado, se a percentagem de trabalhadores que dizem fazer trabalho extraordinário tem vindo a subir, a percentagem dos que dizem que esse trabalho não é pago desceu no ano passado.

Esta informação é sublinhada no estudo “horas extraordinárias: porque está a lei a incentivar o trabalho suplementar?” que será divulgado esta terça-feira pelo Observatório Sobre Crises e Alternativas do Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra.

“Desconhece-se a razão pela qual cerca de metade desse trabalho suplementar não é pago, mas admite-se que essa perceção dos trabalhadores advinha do incumprimento das regras legais e também da aplicação das normas que transformaram trabalho para lá do horário de trabalho – por definição ‘trabalho suplementar’ – em apenas trabalho, sem qualquer pagamento extraordinário”, referem os autores do estudo, assinado por João Ramos de Almeida, Diogo Martins, Fausto Leite e Filipe Lamelas.

Uma análise à série que começa em 2011, solicitada pelo Negócios, revela que em termos absolutos, há mais pessoas a fazer horas extraordinárias: são cerca de 600 mil, quando no início de 2011 eram 400 mil.

Nesse período, a percentagem de pessoas que declaram fazer horas não pagas passou de cerca de 60% dos trabalhadores dependentes, em 2012 ou 2015, para pouco menos de 50% em 2018.

Os autores concluem que só este efeito das horas não pagas implicou uma quebra de 55% do valor que foi pago aos trabalhadores, tendo poupado 6,6 mil milhões de euros às empresas. ■ CAP

negócios

negocios.pt

Terça-feira, 28 de maio de 2019 | Diário | Ano XVI | N.º 4003 | € 2,50
Diretor **André Veríssimo** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

10 mil carros passaram a classe 1 nas portagens

Alteração da classificação entrou em vigor há quase seis meses. Negociação das compensações às concessionárias ainda decorre.

EMPRESAS 14 e 15



A geringonça ganhou.
É o fim da geringonça?

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

António Corrim/Lusa

Porque duplica a cotação da Bitcoin desde março?



Criptomoeda está perto da fasquia dos 9.000 dólares.

MERCADOS 20

IGCP vai cobrir risco cambial da emissão de dívida na China

MERCADOS 21

Artland falhou pagamento à CGD assim que abriu

EMPRESAS 15

Primeira hora extraordinária já custa menos do que uma normal

ECONOMIA 10

Lei de Bases

O que aproxima e separa os partidos na Habitação

Votação marcada para hoje foi adiada a pedido do PS.

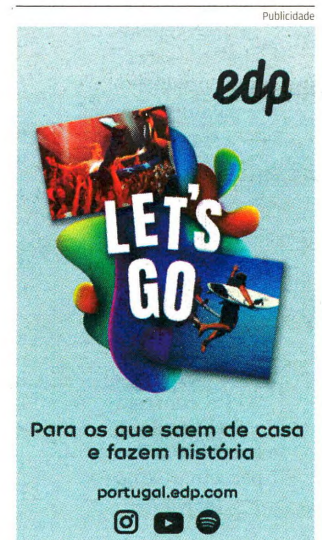
ECONOMIA 8 e 9

Automóvel

As pedras no caminho de uma fusão entre a Fiat e a Renault

EMPRESAS 16 e 17

Publicidade



edp

LET'S GO

Para os que saem de casa e fazem história

portugal.edp.com

Instagram YouTube Facebook